


ESTUDOS NIETZSCHE

VOL. 15 – N. 01 ISSN 2179 – 3441

Público e popularidade III* de Richard Wagner

Tradução e apresentação de Lucas Pires Ramos 

Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas. Graduando do Bacharelado em Filosofia na Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil. Contato: lucaspiresramos@gmail.com

Apresentação

A publicação, em 1878, de *Humano Demasiado Humano I* não marcou apenas mais um lançamento do Professor de Filologia da Universidade da Basiléia, Friedrich Wilhelm Nietzsche, mas também um rompimento com seus amigos, seus leitores e com a tradição filosófica. Enquanto de *O Nascimento da Tragédia* até a *Quarta Extemporânea* ainda se encontrava nos textos de Nietzsche ao menos a tentativa — cada vez menos enfática, porém — de se alinhar a Schopenhauer e a Wagner, em *Humano* encontra-se apenas o confronto direto. Embora muitos sejam os motivos que conduziram Nietzsche a este rompimento, cuja análise detalhada não nos cabe fazer aqui, é importante tecer um breve comentário acerca do festival de Bayreuth e do novo círculo de amizade de Nietzsche. O tão esperado primeiro

* Para a realização da tradução, foram consultadas duas fontes. Primeira, a edição digitalizada das *Bayreuther Blätter*: WAGNER, Richard. **Publikum und Popularität III**. Bayreuther Blätter. Monatsschrift des Bayreuther Patronatvereines unter Mitwirkung Richard Wagner's redigiert von H. v. Wolzogen. Achtes Stück (August). Chemnitz, Deutschland: Verlag von Ernst Schmeitzner, 1878, S. 213–222. Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015023339768&seq=6>>. Segunda, a edição dos escritos e poesias completos de Richard Wagner: WAGNER, Richard. **Publikum und Popularität III**. Richard Wagner Sämtliche Schriften und Dichtungen. Sechste Auflage, Zehnter Band. Leipzig, Deutschland: Breitkopf & Härtel, 1878, S. 79–90. O uso desta segunda edição, em alemão gótico, serviu de apoio não apenas para a comparação dos textos, mas sobretudo para a compreensão da última página, a qual, na edição dos *Bayreuther Blätter*, encontra-se danificada.

festival de Bayreuth, seja pela encenação, seja pelo público, não agradou a Nietzsche, àquele que acabara de publicar a sua última extemporânea exaltando Wagner e seu empreendimento. “Nietzsche reconheceu os limites da arte teatral, percebeu que daqui não partiria aquilo que ele vislumbrava com necessidade. Nietzsche se conscientizou de sua tarefa, viu-se chamado para, a partir de agora, prosseguir sozinho em seu caminho” (JANZ, 2016, p. 564). O autor de *O Nascimento da Tragédia*, que já estava com um estado de saúde debilitado, pede, em 1876, uma licença de um ano da Universidade da Basiléia para realizar o tratamento de sua condição cada vez pior em Sorrento, na Itália, onde não apenas Malwida von Meysenbug o encontraria, mas também Paul Rée e Albert Brenner. Instalados na Villa Rubinacci, inicia-se o convívio diário pautado na troca de ideias, nas leituras conjuntas e nos demais exercícios de reflexão, ao ponto de cogitarem instituir uma Escola dos Educadores (D’IORIO, 2014, p. 60). Não exatamente *por causa de*, mas certamente *em companhia* deste novo convívio, Nietzsche rompe de vez com a metafísica de Schopenhauer e concentra-se na escrita do que virá a ser precisamente o *Humano Demasiado Humano I*.

Embora o *Humano* de Nietzsche apenas tenha chegado às livrarias nos primeiros dias de maio, já havia em Bayreuth, curiosamente, porque não isso não fora organizado por Nietzsche, uma cópia do livro em 25 de abril (JANZ, 2016, p. 634). Apesar de em um primeiro momento Wagner escrever a Overbeck dizendo que não leria o texto de Nietzsche para preservar a ele e a sua amizade, Wagner não podia ignorar o seu abandono público e já em 29 de abril inicia a leitura (JANZ, 2016, p. 644-5). Ainda em abril, Wagner publica na revista *Bayreuther Blätter*, da qual ele próprio era colaborador, a primeira parte de *Público e Popularidade*; em junho, a segunda; e em agosto, a terceira. É precisamente nesta última parte que Wagner, “sem mencionar o nome de Nietzsche, mas de forma absolutamente evidente para quem entendia um pouco do assunto, pisoteou as máximas, as posições filosóficas de Nietzsche, tentando ridicularizá-las como academismo débil e arrogante” (JANZ, 2016, p. 646). Nietzsche lê o texto de Wagner no dia 2 de setembro e, no dia seguinte, escreve acerca disso para Heinrich Köselitz (Peter Gast), Ernst Schmeitzner e Franz Overbeck. Ao primeiro, comenta: “Também a polêmica de W<agner> eu conto dentre o que é demasiado humano”¹. Ao segundo, informa: “Ontem eu li as páginas quase vingativas, muito malvadas de W<agner>, contra mim. Céus, que polêmica desajeitada!”². Ao último, aponta: “Eu também li agora a polêmica infeliz e muito malvada de W<agner> contra mim na edição de agosto dos

¹ Carta de 3 de setembro de 1878 a Heinrich Köselitz (KGB 2.5, p. 349).

² Carta de 3 de setembro de 1878 a Ernst Schweitzer (KGB 2.5, p. 350).

Bayr<euther> Bl<ätter>: feriu-me, mas *não no lugar* que Wagner queria”³. Os ataques foram o suficiente, porém, para que no dia 10 do mesmo mês Nietzsche pedisse a Ernst Schmeitzner a redução das remessas da revista: “<não> me envie os Bayreuth<er Blätter> todo mês, mas me dê em conjunto o que é publicado ao longo de um ano. Para que eu deveria me obrigar a receber doses mensais de baba raivosa wagneriana!”⁴. Nietzsche carregará esta polêmica até o final de sua vida, atacando Wagner e os wagnerianos. Em *O Caso Wagner*, escreve sobre os efeitos de Wagner sobre os jovens: “O jovem se torna um imbecil — um ‘idealista’. Está além da ciência; nisto se acha à altura do mestre. Contrariamente, ele faz o filósofo; escreve os *Bayreuther Blätter*; resolve todos os problemas em nome do Pai, do Filho e do Mestre Santo” (FW, Nachschrift; KGW, p. 38). Dentre as críticas de Nietzsche, vale concluir esta introdução com uma a leitura que o próprio Nietzsche faz em *Ecce Homo* de toda polêmica envolvendo-o e Wagner. Não sendo tão preciso quanto às datas e aos fatos biográficos, Nietzsche escreve:

Quando finalmente chegou em minhas mãos o livro acabado [*o Humano*] — para profundo espanto de um grave doente —, enviei, entre outros, dois exemplares também para Bayreuth. Por um milagre de sentido no acaso, chegava-me simultaneamente um belo exemplar do texto do Parsifal [...]. — Esse cruzamento dos dois livros — a mim me pareceu ouvir nele um tom ominoso. Não soava como se duas *espadas* se cruzassem?... De qualquer modo nós o sentimos ambos assim: pois ambos calamos. — Por esse tempo apareceram as primeiras *Bayreuther Blätter*: eu compreendi *para o que* já era hora. — Incrível! Wagner havia se tornado devoto...” (EH, *Humano, Demasiado Humano* 5; KGW, p. 325).

Referências Bibliográficas:

D’IORIO, Paolo. **Nietzsche na Itália: a viagem que mudou os rumos da filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

JANZ, Curt Paul. **Friedrich Nietzsche: uma biografia, volume I: infância, juventude, os anos em Basileia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

NIETZSCHE, F. W. **Nietzsche Werke**. Kritische Gesamtausgabe (KGW). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Sechste Abteilung, dritter Band (6.3). Berlin: Walter de Gruyter, 1969.

NIETZSCHE, F. W. **Nietzsche Briefwechsel**. Kritische Gesamtausgabe (KGB). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Zweite Abteilung, fünfter Band (2.5). Berlin: Walter de Gruyter, 1980.

³ Carta de 3 de setembro de 1878 a Franz Overbeck (KGB 2.5, p. 351).

⁴ Carta de 10 de setembro de 1878 a Ernst Schweitzer (KGB 2.5, p. 352).

Público e Popularidade III

Observamos o público de leitores de jornal e o de frequentadores de teatro para lançar, por ora, apenas um olhar que espia turvamente o *populus*⁵ e a *popularidade* vinda dele. Se, antes, ainda levássemos em consideração o público *acadêmico*, então deveríamos temer ainda mais turvar essa perspectiva. “Quando o povo fala, eu calo a boca”, é dito certa vez em meu *Os Mestres Cantores*⁶; e deve-se certamente aceitar que uma máxima orgulhosa que se expressa semelhantemente seja o princípio de tudo que é catedrático, esteja a cátedra agora na sala de aula ou no salão colegial⁷. Mas a fisionomia da essência acadêmica já tem para si a vantagem de ser ela mesma popular: abrem-se as primorosas *fliegenden Blätter*⁸, e até mesmo o camponês⁹ que viaja no trem reconhecerá imediatamente o “professor”¹⁰, como diversas vezes os espirituosos desenhos dos artistas de Munique o exibem para nós em uma inócua conversa; a esse tipo ainda se aproxima agora o *estudante* certamente não menos popular, com o boné de criança em uma parte da cabeça, em botas de cano alto, trazendo em sua frente a transbordante barriga de cerveja, e temos diante de nós o instrutor e o aluno da “*ciência*” que olham orgulhosamente de cima para baixo para nós artistas, poetas e músicos, como os pós-maturos (*Spätgeburt*) de um apodrecido método de visão de mundo.

Se os cuidadores desta ciência são populares em sua aparição diante dos olhos do povo, infelizmente, porém, escapa-lhes toda influência sobre o povo mesmo, ao passo que eles, por fim, se voltam aos ministros dos estados alemães. Estes são, na maioria das vezes, apenas juristas e aprenderam nas universidades mais ou menos o que um inglês, que começa sua carreira estatal como advogado

⁵ Wagner emprega o termo latino *populus*. Segundo o dicionário de Lewis e Short, *A Latin Dictionary*, trata-se do “povo”, da “população”, raramente da “plebe”. Ao empregar o termo latino, Wagner afasta-se do termo alemão “Volk” (povo), bastante empregado ao longo deste texto.

⁶ Referência a sua obra *Die Meistersinger von Nürnberg*, apresentada pela primeira vez em 1868. Vale informar que, em sua obra, o rouxinol diz *wenn* ao invés de *wann*, o que, caso citado conforme o original, poderia nos conduzir à seguinte tradução: “se o povo fala, eu calo a boca”.

⁷ Na edição de *Bayreuther Blätter*, o termo é “*Collegiumsalle*” com “c”, o que aparece no dicionário Duden como *Collegium musicum* (a unificação livre dos musicistas em escolas ou universidade) ou *Collegium publicum* (a preleção pública em uma universidade). Na edição de suas obras completas, por sua vez, o termo é “*Kollegiumsalle*” com “k”, o que expressaria a totalidade de professores e professoras em uma escola.

⁸ *Fliegende Blätter* era o nome de uma revista humorística semanal alemã, ricamente ilustrada, publicada entre o século XIX e XX em Munique.

⁹ Bauer significa tanto “agricultor”, “camponês”, quanto “pessoa bruta, não aplainada”, ou ainda, em relação ao verbo *bauen* (construir), “construtor”.

¹⁰ O termo *Professor* em alemão diz respeito estritamente ao professor universitário.

jurídico, adquire no estabelecimento de um advogado¹¹; mas, quanto menos eles entendem da verdadeira “ciência”, tanto mais zelosamente estão propensos à remuneração¹² e ao aumento das forças universitárias do país, porque agora no exterior se diz constantemente que, mesmo que não devesse haver muito em nós, ao menos nossas universidades eram muito úteis. Sobretudo nossos príncipes, referente aos quais, aliás, é solicitamente glorificado um primoroso cultivo militar do exterior, ouvem de bom grado falar de suas universidades, e eles se superam mutuamente no “levantamento” das mesmas; como recentemente um rei da Saxônia não cessou com a assistência à sua universidade em Leipzig antes que a quantidade de estudantes de lá tivesse ultrapassado a da universidade de Berlim. Quão orgulhosos não devem se sentir os cuidadores da “ciência” alemã sob tais mais altas demonstrações de zelo para eles!

Que esse zelo de cima valha unicamente para a satisfação de uma vaidade mesmo assim digna, não se pode, entretanto, aceitar sem exceção. A assistência muito grande à disciplina daqueles magistérios¹³, que são utilizáveis para o adestramento dos servidores públicos, atesta que os governos também têm em vista uma finalidade prática no cuidado com os ginásios¹⁴ e universidades. Nós viemos a saber há algum tempo algo muito instrutivo acerca disso por meio de uma publicação do Professor de Göttingen *P. de Lagarde*, através do que fomos colocados em posição de reconhecer¹⁵ bem as verdadeiras intenções dos ministérios do Estado,

¹¹ “Juristas”, “advogado jurídico” e “advogado” são respectivamente as traduções de *Juristen*, *Rechtsanwalt* e *Advokat*. *Jurist* é uma pessoa que estudou jurisprudência (*Rechtswissenschaften*) e trabalha neste âmbito. *Rechtsanwalt* é o jurista com um licenciamento estatal de consultor e representante em assuntos jurídicos, especialmente processos. Uma vez que *Anwalt* é o título profissional de advogado, justifica-se a escolha de traduzir *Rechtsanwalt* como “advogado jurídico”. Por fim, *Advokat* pode ser estritamente *Rechtsanwalt* (advogado jurídico), apenas *Anwalt* (advogado) ou ainda *Rechtsbeistand*, isto é, uma pessoa jurista competente que arranja assuntos jurídicos alheios com uma permissão administrativa, sem ser advogado jurídico.

¹² *Dotierung* diz respeito especificamente à remuneração para uma atividade profissional elevada.

¹³ A frase *für die Disziplin derjenigen Lehrfächer* pode conter três sentidos: à disciplina (conduta) daquelas disciplinas (aulas); à disciplina (conduta) daqueles magistérios; ou à disciplina (aula) daqueles magistérios. *Disziplin* pode significar tanto conduta quanto área específica (como anatomia é uma disciplina da medicina). *Lehrfach* pode significar tanto matéria na escola ou universidade quanto o cargo de professor.

¹⁴ *Gymnasium* é especificamente uma escola superior conducente à aptidão para acessar o ensino superior.

¹⁵ Wagner usa ao longo deste texto uma série de termos de mesma raiz: *kennen*, *erkennen*, *erkennbar*, *erkennend*, *die Erkennung*, *die Erkenntnis*, *die Kenntnis*, *das Erkennen* e *der Erkennende*. Além de cada um destes termos não se esgotar em apenas um termo em português, não é possível manter na tradução a relação entre eles a partir de um radical comum. Para, entretanto, manter uma certa padronização, adotaremos respectivamente as seguintes traduções: conhecer, reconhecer, conhecível, que conhece, reconhecimento, conhecimento, conhecimento, conhecer/conhecimento e homem do conhecimento/cognoscente. O termo “conhecimento” traduz aqui sobretudo *Erkenntnis*. Quando

assim como as intenções especiais dos mesmos sobre o que pode ser utilmente empregado dos domínios das ciências particulares. Através dos severos arranjos, conhecidos por nós, que dizem respeito às diárias horas de aula, sobretudo nos ginásios, deve-se inferir a grande pretensão dos governos em se assegurar especialmente das persistentes forças de trabalho. Se um pai preocupado com a saúde de seu filho perguntasse, p. ex., a um diretor ginásial se o plano didático de horas, que ocupa o dia inteiro, não deveria deixar livre ao menos algumas horas à tarde, algo já para os exercícios a serem sempre adicionalmente elaborados em casa, então ele viria a saber que o senhor Ministro nada quer saber sobre essas ideias; o Estado usa os trabalhadores eficientes, e desde antigamente o sangue jovem sobre a carteira escolar¹⁶ deveria se aguerrir adequadamente ao traseiro¹⁷ para, futuramente, poder se sentir confortável o dia inteiro sobre a cadeira do escritório. Os óculos parecem ter sido criados especialmente para esse sistema de aula, e a razão pela qual as pessoas nos tempos antigos eram evidentemente mais espertas¹⁸ vem decerto de que elas também viam mais claramente com seus olhos e não necessitavam de óculos. — Contrariamente, os anos de universidade parecem agora, com característico instinto pedagógico-estatal, estar liberados para o afofar-se¹⁹ da força juvenil. Especialmente o futuro funcionário público, na utilização de seu tempo, inclusive de maneira completamente livre, espera apenas pelo assustador fantasma do exame final do Estado²⁰, com o qual ele sabe lidar por fim, no último momento, entretanto, através da eficiente memorização da receita da justiça estatal. Ele utiliza os belos anos sabáticos para a sua formação como “estudante”. Aí é exercitado o “costume estudantil”; o “duelo”²¹ e a “cor da união estudantil”, suas imagens retóricas embelezam até mesmo em sua futura eficácia parlamentar, de fato, a do chanceler; a “*Bier-Salamander*”²² assume o cargo do desgosto e da preocupação que, outrora, “insuflavam e engordavam antes do

traduzir *Kenntnis* ou *Erkennen*, será indicado entre parênteses, e quando estiver acompanhado de “homem”, traduz *Erkennende*.

¹⁶ *Schulbank* não seria bem a “carteira escolar” tal como conhecemos, mas aquelas cadeiras para estudantes unidas a um púlpito.

¹⁷ Além de “traseiro”, *Sitzfleisch* pode significar também a constância (ligada à preguiça espiritual) na atividade de ficar sentado, o que nos permite traduzi-lo como “sedentarismo”, como será feito posteriormente.

¹⁸ Embora a expressão *helleren Kopf haben* signifique “ser mais esperto”, como traduzimos, esta tradução impossibilita o jogo de palavras feito por Wagner. Porque as pessoas viam mais claramente (*heller*), elas, traduzindo a expressão literalmente, tinham cabeças mais claras.

¹⁹ *Ausrasen* significa tanto “correr muito rapidamente até o fim” quanto “comportar-se loucamente” ou “irar-se”.

²⁰ *Staatsexamen* é especificamente uma prova de conclusão realizada (em determinadas profissões acadêmicas) pelos examinadores do Estado.

²¹ *Mensur*: duelo estudantil com taco ou espada.

²² Tratava-se de uma forma festiva usual das uniões estudantis de beber em comemoração a alguém.

tempo” *Falstaff*²³. Então vem a “decoreba”, o exame, por fim a contratação, e — o “filisteu”²⁴ está pronto, ao qual o enorme servilismo e o necessário sedentarismo ajudam com o tempo até nas mais gloriosas alturas da direção estatal, nas quais, em seguida, é de novo disposto para baixo, e a escola é eficientemente vigiada para que ninguém esteja melhor do que o senhor ministro mesmo estava. — Estas são as pessoas que teriam de dar seus pareceres nas funcionalidades estatais, nas Câmaras dos Deputados e nos Parlamentos do Império, p. ex., também sobre estabelecimentos públicos de arte e projetos de refinamento dos mesmos, caso elas, por imprudência, fossem recomendadas à promoção pelo Estado. Enquanto público de teatro eles amam o gênero do “*Einen Jux will er sich machen*”²⁵. —

Assim estaria agora mais ou menos indicado o ciclo de *utilidade* de nossa vida estatal acadêmica. Ao seu lado, porém, há um outro [ciclo], cujo proveito se pretende completamente ideal, e de cuja apropriada satisfação²⁶ o acadêmico nos promete que virá a salvação do mundo inteiro: aqui dominam a *ciência* pura e seu eterno *progresso*. Ambos estão entregues à assim chamada “faculdade filosófica”, da qual a filologia e a ciência da natureza constituem o cerne. As seções da ciência da natureza certamente providenciam quase sozinhas o “progresso”, para o qual os governos gastam muito, e aqui se situa no topo, se nós não erramos, a *química*. Esta intervém, porém, na vida prática através de suas populares ramificações úteis, como se nota sobretudo na falsificação progressivamente mais científica dos alimentos; apesar disso, ela se tornou, com ajuda de seus trabalhos não diretamente voltados ao proveito público e de seus resultados, o propriamente estimulante afortunador e benfeitor dos setores filosóficos restantes, enquanto a zoologia ou a biologia às vezes influi desagradável e perturbadoramente sobretudo nos ramos da filosofia ligados à teologia do Estado, o que, entretanto, tem por sua vez o êxito de deixar as variações que ocorrem em tais regiões aparecer como vida e movimento do progresso. Contrariamente, os descobrimentos da física, e acima de tudo precisamente da química, que sempre se multiplicam, dão impressão de verdadeiros encantos da filosofia específica, nos quais até mesmo a filologia permite ter participação completamente produtiva. Aqui, nestes últimos, certamente não se pode retirar mais nada de novo, a não ser que os caçadores de

²³ *Sir John Falstaff* é uma personagem que aparece em algumas obras de William Shakespeare e é conhecido por ser um notório boêmio.

²⁴ Primeira referência mais explícita a Nietzsche feita por Wagner. Por “filisteu”, Wagner se refere aqui, como indicará posteriormente, ao “filisteu da cultura”, como costuma-se traduzir o termo *Bildungsphilister* utilizado e explorado por Nietzsche ao longo de sua *Primeira Consideração Extemporânea*, sobre David Strauss.

²⁵ Trata-se de uma peça teatral musical (*Posse mit Gesang*) popular e cômica de Johann Nestroy.

²⁶ Não se trata da já referida satisfação (*Befriedigung*) da vaidade. Wagner emprega o termo *Ausfüllung*, que também poderia ser traduzido aqui como “preenchimento”.

tesouros arqueológicos tivessem sucesso em evidenciar, especialmente da antiguidade latina, as inscrições lapidárias até então despercebidas, através do que é possibilitada uma filologia temerária, p. ex., reformar certos estilos até então ordinários de escritas ou letras, o que leva em seguida, como progresso imprevisto, o grande erudito à admirável fama. Filólogos como filósofos obtêm, porém, sobretudo onde eles se encontram no campo da estética, através da química, assim como através da física em geral, ainda encorajamentos completamente especiais, de fato, compromissos, para um progredir, de modo algum limitante, no domínio da crítica de tudo que é humano e inumano. Parece de fato que eles concluem dos experimentos de tal ciência a profunda autorização a um ceticismo completamente especial que²⁷ lhes possibilita, afastando-se das opiniões até então ordinárias e, em seguida, regressando novamente a elas²⁸ em uma certa confusão, manter-se em um constante circunvolver-se (*Umsichherumdrehen*) que parece, então, assegurar-lhes a sua devida parcela no eterno progresso em geral. Quanto mais despercebidas acontecem as aqui denominadas saturnálias da ciência, tanto mais intrépida e impiamente as mais nobres vítimas são com isso trucidadas e obladas sobre o altar do ceticismo. Cada professor alemão deve ter escrito alguma vez um livro que o torne um homem célebre: agora não é dado a todos encontrar algo naturalmente novo; assim, para fazer a repercussão necessária, satisfazem-se em expor as opiniões de um predecessor como basilarmente erradas, o que gera, então, tanto mais efeito quanto mais significativo e na maioria dos casos mais incompreendido era o agora escarnecido. Em alguns casos, algo assim pode se tornar divertido, p. ex., quando um proíbe ao estético as formações típicas, mas o outro as permite novamente aos poetas. Os mais importantes acontecimentos são agora, porém, aqueles nos quais sobretudo toda grandeza, a saber, o tão exaustivo “gênio” é alijado como deteriorável, sim, [nos quais] o conceito completo: *gênio* é alijado como equivocado²⁹.

Esse é o resultado do mais novo *método* da ciência que, em geral, se chama “*escola histórica*”. Se o verdadeiro escritor da história se apoiava até então com precaução sempre maior apenas nos documentos autenticados, como eles deveriam

²⁷ Manteve-se a ambiguidade do original: *welche* pode se referir aqui tanto à “profunda autorização” quanto ao “ceticismo”.

²⁸ *Ihnen* pode se referir aqui tanto a “eles” (“filólogos como filósofos”) quanto a “elas” (“opiniões até então ordinárias”). No primeiro caso, tratar-se-ia de um regresso a si mesmo, enquanto no segundo de retomar a própria opinião de antes. Uma vez que é precisamente a circularidade que está sendo criticada por Wagner, a primeira opção parece ser mais adequada.

²⁹ Uma vez que a omissão do verbo no original possibilita diferentes interpretações desta oração, optamos por transcrevê-la integralmente aqui: *Die wichtigeren Vorgänge sind nun aber die, wo überhaupt jede Grösse, namentlich das so sehr beschwerliche 'Genie', als verderblich, ja der ganze Begriff: Genie als grundirrhümlich über Bord geworfen werden.*

ser encontrados na mais diligente investigação pelos mais diversificados arquivos, e se ele acreditava poder constatar por causa deles um fato histórico, então não havia muito o que dizer sobre isso, embora tal coisa sublime que o legado de nosso entusiasmo havia até então exibido, frequentemente para o verdadeiro pesar do próprio historiador, tivesse de ser jogada na lixeira histórica; o que a representação da história de uma tão evidente sequidão deixava declinar, via-se induzir-se novamente à renovação da mesma através das frivolidades de todos os tipos picantes, as quais, como p. ex., as mais novas representações de Tibério, ou de Nero, já se transformaram fortemente em algo espirituoso. O julgador de todas as coisas humanas e divinas, tal como ele, por fim, emerge o mais intrepidamente da escola histórica, aplicada na representação filosófica do mundo, serve-se, por outro lado, das artes arquivísticas apenas sob a gerência da química, ou da física em geral. Aqui, primeiro, toda admissão de uma necessidade de uma explicação metafísica para os fenômenos de toda existência do mundo³⁰, os quais permanecem mais ou menos ininteligíveis ao conhecimento puramente físico, é denegada plenamente, e mais precisamente com escárnio certamente grosseiro. Tanto quanto eu possa ter entendimento das representações dos eruditos desta escola, parece-me que o *Darwin* que vai ao trabalho tão íntegro, precavido e quase apenas hipotético, deu através dos resultados de suas pesquisas no domínio da biologia a mais distinta ocasião para a formação sempre mais intrépida de cada escola *histórica*. Parece-me também que essa mudança teria acontecido sobretudo através de grandes mal-entendidos, especialmente, porém, através de muita superficialidade do juízo na aplicação demasiadamente apressada dos discernimentos ali obtidos ao domínio filosófico. Essas carências parecem para mim se mostrar, em seu aspecto principal, no fato de que o conceito de *espontâneo*, de *espontaneidade* sobretudo, com um zelo peculiarmente precipitante, e no mínimo precocemente, foi enxotado do novo sistema de reconhecimento de mundo. Revela-se aqui sobretudo que, uma vez que nenhuma transformação aconteceu sem razão suficiente, também os fenômenos mais surpreendentes, como p. ex. a obra do “gênio” na mais significativa forma (*Form*), resultam somente de razões, ainda que às vezes muitas e ainda não completamente explicadas, com o que nos será extraordinariamente fácil de lidar quando a química tiver se lançado alguma vez na lógica. Por enquanto, porém, são tomadas à ajuda aí, onde a sucessão estudantil das deduções lógicas para a explicação da obra do gênio ainda não pode ser detectada como completamente acertada, as forças da natureza mais vis, as quais são reconhecidas na maioria das vezes como erros de temperamentos, como a veemência da vontade, energia

³⁰ *Weltsein*. Uma vez que “existência” é uma boa tradução tanto para *Dasein* quanto para *Existenz*, ela será mantida para ambos, mas será destacado quando se referir a *Existenz*.

unilateral e obstinação, para remeter o assunto se possível sempre novamente para o domínio da física.

Uma vez que, com o progresso das ciências da natureza, todos os segredos da existência devem ser necessariamente revelados ao conhecimento, na verdade, como meros pretensos segredos, daí em diante depende-se em geral apenas do *conhecer*, no qual, como parece, o conhecer intuitivo permanece completamente excluído, porque este já poderia levar às besteiras metafísicas, isto é, conduzir ao conhecimento (*Erkennen*) das relações que devem permanecer com razão reservadas ao conhecimento abstratamente científico, até que a lógica, sob a orientação da evidência através da química, resolva seu problema com isso³¹.

Sinto como se tivéssemos, com isso, tocado os êxitos do mais novo método da ciência, conhecido como [método] “histórico”, mesmo que apenas superficialmente (da única maneira possível àquele que está fora dos mistérios do esclarecimento), conforme o qual somente o puro sujeito do conhecimento³², ao sentar-se na cátedra, resta como autorizado à existência (*Existenz-berechtigt*). Um maravilhoso fenômeno no final da tragédia do mundo! Como esse indivíduo cognoscente poderia, por fim, ter coragem, não se pode apresentar facilmente, e nós lhe desejamos de bom grado que ele, no final de sua trajetória, não repita as exclamações de *Fausto* no começo da tragédia goethiana! Em todo caso, assim nós tememos, não muitos podem compartilhar com ele aquele gozo do conhecer, e para o grande prazer do indivíduo, caso isso se comprove, o Estado, preocupado habitualmente apenas com o proveito coletivo, poderia, assim nos parece, gastar muito dinheiro. Mas a situação deve estar ruim com esse proveito para o geral, precisamente porque nos é difícil considerar aquele homem do conhecimento completamente puro como um homem dentre homens. Ele passa sua vida diante e atrás da cátedra; um outro campo de ação, quando essa alternância de lugar permite, não lhe está disponível para o conhecimento (*Kenntniss*) da vida. A intuição de tudo o que ele pensa lhe é denegada, na maioria das vezes, desde a primeira juventude, e o seu contato com a assim chamada efetividade da existência é um tatear sem sentir. Certamente ninguém o respeitaria corretamente se não houvesse universidades e professores com cujo cuidado nosso estado, tão orgulhoso dos eruditos, mostra-se generosamente preocupado. Talvez ele apareça com seus companheiros, assim como com os restantes “filisteus da cultura”, como um público ao qual misturam-se aqui e acolá, nas ocupações acadêmicas, mesmo as

³¹ A expressão “mit etwas/jemandem in das Reine kommen” significa “resolver um problema com algo/alguém”, “resolver uma dificuldade”. Uma vez que o “damit” empregado não permite apontar com precisão exatamente com o que a lógica deve resolver seu problema, optamos por manter a ambiguidade do original.

³² Alusão ao conceito de Arthur Schopenhauer: *das rein erkennende Subjekt*.

filhas e os filhos dos príncipes que às vezes leem muito; à arte, a qual aparece ao Golias do conhecimento (*Erkennens*) cada vez mais apenas como um rudimento de um antigo degrau do conhecimento (*Erkennensstufe*) da humanidade, mais ou menos como o cóccix remanescente em nós da verdadeira cauda animal, a ela ele apenas dá atenção quando ela lhe oferece perspectivas arqueológicas de fundamentação de sentenças escolares (*Schulsätze*): assim ele estima, p. ex., a Antígona mendelsohniana e também as imagens sobre as quais ele pode ler para não ter que vê-las: influência na arte ele exerce, porém, apenas na medida em que precisa estar presente quando são instituídas as academias, as escolas superiores³³ e afins, nas quais, então, ele contribui honestamente com o seu para não deixar surgir nenhuma produtividade, porque com isso poderiam ser facilmente ocasionadas recaídas nas intrujices de inspiração dos períodos culturais superados. Pelo menos ele se recorda de dirigir-se para o povo que, por outro lado, de fato não se preocupa com o erudito; devido ao que, porém, também é difícil dizer por qual caminho o povo deve chegar por fim ao mesmo conhecimento (*Erkennen*). E também não seria uma tarefa indigna levar em consideração seriamente esta última pergunta. O povo aprende sobretudo por um caminho completamente oposto ao do homem do conhecimento histórico-científico, isto é, no sentido deste ele não aprende nada. Se ele agora não *reconhece*, ele *conhece*, porém: ele conhece seus grandes homens, e ama o gênio que aqueles odeiam; por fim, porém, o que lhes é de fato um horror, ele venera o divino. Para ocasionar efeito no povo, restava, por isso, das faculdades acadêmicas, apenas a dos *teólogos*. Atentemo-nos se poderia crescer em nós uma esperança de ver proceder, do esforço tão custoso do Estado para os mais elevados estabelecimentos de ensino³⁴ espirituais, qualquer influência beneficente sobre o povo. —

Ainda persiste o cristianismo; suas mais antigas instituições religiosas persistem inclusive com uma solidez que até mesmo acovarda e desesperança esses esforçados pela cultura do Estado. Se talvez possa persistir uma relação íntima, verdadeiramente afortunante, com os estatutos cristãos na maioria dos cristãos de hoje, certamente não é fácil averiguar. O erudito duvida, o homem comum desespera³⁵. A ciência torna o Deus Criador sempre mais impossível; o Deus revelado a nós por Jesus tornou-se para nós, porém, a partir do começo da igreja, um

³³ *Hochschule*: instituição científica de pesquisa e de ensino, como *Universität*, *Fachhochschule*, *Musikhochschule* e afins.

³⁴ Vale recordar que, em 1872, Nietzsche apresentou na Universidade da Basileia cinco palestras intituladas *Sobre o Futuro de nossos Estabelecimentos de Ensino* (*Über die Zukunft unsererer Bildungsanstalten*) e que um recorte destas palestras aparece no capítulo *Pensamentos sobre o Futuro de nossos Estabelecimentos de Ensino*, presente no livro não publicado *Cinco Prefácios para Livros não Escritos*, dado por Nietzsche como presente a Cosima Wagner, esposa de Richard Wagner.

³⁵ Vale destacar a proximidade em alemão entre “duvidar” (*zweifeln*) e “desesperar” (*verzweifeln*).

problema sempre mais incompreensível através dos teólogos, devido a uma mais sublime evidencialidade. Que o Deus de nosso Salvador deveria nos ser explicado a partir do Deus tribal de Israel é uma das mais terríveis confusões da história mundial; ela se vingou em todos os momentos, e vinga-se hoje através do ateísmo dos mais grossos, assim como dos mais finos espíritos, que se manifesta cada vez mais sem rodeios. Nós devemos vivenciar que o Deus cristão é relegado em igrejas vazias, enquanto são erigidos para Jeová templos sempre mais orgulhosos no meio de nós. E isso quase parece se justificar pelo fato de que Jeová poderia, por fim, suprimir completamente o Deus do Redentor, derivado dele de forma tão monstruosamente equivocada. Se Jesus é dado por filho de *Jeová*, então cada rabino judeu, como isso também sempre aconteceu, pode refutar vitoriosamente toda teologia cristã. Em tal posição taciturna, sim, completamente indigna, é mantida agora toda nossa teologia, uma vez que ela não tem de incutir aos doutores da igreja³⁶ e aos pregadores populares quase nada diferente do que a orientação a uma desonesta explicação do verdadeiro conteúdo de nossos Evangelhos tão preciosos acerca de tudo! A que outra coisa o pregador está detido no púlpito senão aos compromissos entre as mais profundas contradições, cujas sutilezas necessariamente nos fazem errar na própria fé, de modo que devemos finalmente perguntar quem então ainda conhece Jesus? — Talvez a crítica histórica? Ela está em meio ao judaísmo e se surpreende que ainda hoje os sinos de domingo de manhã badalam para um judeu crucificado dois mil anos atrás, exatamente como cada judeu faz. Quão frequente e precisamente já foram agora pesquisados criticamente os Evangelhos, destacados inconfundível e corretamente seu surgimento e composição, de modo que, precisamente a partir da inautenticidade e do não pertencimento evidenciados aqui daquele que provoca contradição, a forma (*Gestalt*) sublime do Redentor e sua obra deveriam finalmente, assim acreditamos, ter se revelado inconfundível e claramente à crítica. Mas agora o Deus, que Jesus nos revelou, o Deus, o qual todos os deuses, heróis e sábios do mundo não conheciam, e o qual, com tal simplicidade e poder que penetram nas almas, noticiou aos pobres pescadores e pastores galileanos em meio aos fariseus, escribas³⁷ e sacerdotes sacrificiais, que quem o havia reconhecido considerou insignificante o mundo com todos os seus bens, — esse Deus, que não pode jamais ser revelado novamente, porque ele nos foi revelado uma única vez, pela primeira vez — esse Deus o crítico

³⁶ *Kirchenlehrer*: teólogo erudito que continua a desenvolver a doutrina cristã; corresponde ao latim *doctores ecclesiae*.

³⁷ *Schriftgelehrter*: erudito (no antigo judaísmo) caracterizado pelo conhecimento minucioso da tradição religiosa, especialmente das leis.

olha sempre de novo com desconfiança, porque ele acredita que deve sempre considerá-lo como o Jeová que propicia o mundo judaico (*Judenweltmacher*).

Deve nos consolar que, por fim, ainda há dois tipos de espíritos críticos, e dois tipos de métodos da ciência do conhecimento. O grande crítico *Voltaire*, esse ídolo de todos os “espíritos livres”³⁸, reconheceu a “garota de Orleans”³⁹ conforme os documentos históricos presentes em seu tempo, e acreditou estar autorizado através disso à opinião sobre a “*Pucelle*” elaborada em seu poema sujo que se tornou célebre. Nenhum outro documento ainda estava disponível a *Schiller*: seja agora, porém, uma outra crítica, provavelmente errada, ou seja a inspiração do poeta desprezada por nossos espíritos livres, o que o incutiu a reconhecer a “nobre imagem da humanidade” naquela virgem de Orleans, — ele deu de presente ao povo, através de sua santificação poética da heroína, não apenas uma obra sempre amada e infinitamente tocante, mas também, com isso, fez os preparativos para a crítica histórica que fica para trás dele, à qual, por fim, uma feliz descoberta forneceu os devidos documentos para o julgamento de um maravilhoso fenômeno. Essa Joana d’Arc foi virgem e não podia ser nada diferente, porque todo impulso natural nela, através de um maravilhoso regresso a si mesmo, havia se tornado o impulso heróico para a salvação de sua pátria. Vede agora o menino Jesus sobre os braços da madonna sistina. O que foi incutido lá em nosso Schiller para o reconhecimento da maravilhosamente talentosa libertadora da pátria havia ocorrido a *Rafael* para o redentor do mundo, que se tornara irreconhecível e teologicamente deformado. Vede aí a criança diante de vós a irradiar, pelo mundo afora, longe de vós e além de todo mundo conhecível, o raio solar da decisão da redenção que se tornou agora imprescindível, e perguntai a vós mesmos se isso “é” ou “significa”? —

Deveria ser tão completamente impossível à teologia dar o grande passo que permite à ciência sua verdade indubitável através da extradição de Jeová, mas ao mundo cristão seu Deus puramente revelado em Jesus, o único filho?

Uma pergunta difícil, e certamente uma exigência ainda mais difícil. Mais ameaçadores, porém, talvez devessem se afigurar ambas, se as atividades solucionáveis ainda agora no domínio de uma ciência nobre devessem ser enfrentadas um dia pelo próprio povo e solucionadas a seu modo. Como eu já mencionei, a parte da humanidade que duvida e a que se desespera poderiam por

³⁸ A referência a Voltaire diz respeito à dedicatória presente na edição de 1878 de *Humano*: “Humano, demasiado Humano — Um livro para espíritos livres. Dedicado a Voltaire por ocasião da celebração do dia de sua morte, em 30 de maio de 1778”.

³⁹ *Mädchen von Orleans* (Garota de Orleans) é uma possibilidade de tradução para o alemão do título do poema de Voltaire *Pucelle d’Orléans* sobre Joana D’arc. Uma vez que ora Wagner o traduz assim, ora como *Jungfrau von Orleans* (Virgem de Orleans), variamos a tradução conforme a variação do original.

fim se encontrar na trivial confissão do ateísmo. Já vivenciamos isso. Nada além nos parece expresso até então nesta confissão do que uma grande insatisfação. Valeria considerar para onde isso pode conduzir. O político trabalha com um capital, do qual uma grande parte do povo não tem nenhuma parcela⁴⁰. Nós vivenciamos como essa parcela é por fim exigida. Jamais o mundo, desde a cessação da escravidão, chegou mais conspicuamente na oposição entre posse e não-posse. Talvez tenha sido imprudente conceder àqueles que não têm posses participação em uma legislação que apenas deveria valer para os que têm posses. As confusões resultantes disso não faltam; os sábios estadistas talvez fossem capazes de enfrentá-las alimentando naqueles que não têm posses ao menos um interesse na preservação (*Bestehen*) das posses. Muita coisa mostra que se deve duvidar da sabedoria necessária para isso, contra o que a opressão parece mais fácil e rapidamente eficaz. Indiscutivelmente a força do impulso de conservação é mais forte do que habitualmente se acredita: o império romano conservou-se meio milênio em sua dissolução. O período de dois milênios, nos quais até então vimos se desenvolverem grandes culturas históricas da barbárie até, por outro lado, para a barbárie, deveria ter se encerrado para nós, do mesmo modo, aproximadamente no meio do milênio seguinte. Pode-se imaginar em qual condição de barbárie teremos chegado quando nossa relação mundial tiver se movido ainda por seiscentos anos na direção da decadência do mundial império romano? Eu acredito que o retorno do salvador ainda aguardado pelos primeiros cristãos pelo seu tempo de vida, em seguida mantido enquanto dogma místico, talvez mesmo sob os acontecimentos não completamente dessemelhantes descritos no Apocalipse, deveria ter um sentido para cada tempo a ser antevisto. Pois uma coisa nós devemos aceitar em um cogitável futuro declínio total de nossa cultura na barbárie, a saber⁴¹, que também se chega ao fim com nossa ciência histórica, crítica e conhecimento químico; ao passo que, então, seria mais ou menos de esperar que a teologia resolvesse finalmente seu problema com o Evangelho, e que nos seria acessível o livre conhecimento da revelação sem sutilezas jeovistas, para cujo êxito o salvador nos teria prometido precisamente o seu retorno.

Isso fundamentaria então uma efetiva popularização da mais profunda ciência. Fazer os preparativos deste ou daquele modo para a cura de inevitáveis danos no desenvolvimento do gênero humano, aproximadamente como Schiller fez os preparativos com sua pura concepção da virgem de Orleans para a confirmação através de documentos históricos, para isso deveria parecer muito bem

⁴⁰ Vale destacar a proximidade dos termos “parte” (*Theil*) e “parcela” (*Antheil*).

⁴¹ O acréscimo deste “a saber” é uma tentativa de manter a estrutura do original: *Denn das Eine müssen wir [...] annehmen, dass...*

vocacionada uma verdadeira arte, que se dirige ao povo — por agora ideal —, no mais nobre sentido do mesmo. Fazer agora e para cada tempo, por outro lado, os preparativos para uma tal arte, *popular* no mais sublime sentido, de modo que os elos da arte mais antiga e mais nobre nunca dilacerem completamente, para isso esses esforços não deveriam parecer inúteis. Em todo caso, deveria ser concedida somente a tais obras de arte uma popularidade nobilitante, e apenas essa popularidade pode ser aquela que, através de sua influência intuída, eleva as criações do presente sobre a canalhice do agrado popular que tanto vale para o agora.

Recebido: 22/05/2024
Aprovado: 07/08/2024

Received: 22/05/2024
Approved: 07/08/2024